abby hanlon

DORA FANTASMAGÓRICA



ROCCO
JOVENS LEITORES

DORA
FANTASMAGÓRICA



DORA
FANTASMAGÓRICA



ABBY HANLON

tradução de MILENA VARGAS

ROCCO
JOVENS LEITORES

Para Ann Tobias, minha fada madrinha




FANTASMAGÓRICA
Referente a um estado de quase sonho em que
elementos reais e imaginários se misturam

Sumário

Para pular o Sumário, clique aqui.

Capítulo 1: Bebezona

Capítulo 2: Você ouviu a campainha?

Capítulo 3: Vira-lata

Capítulo 4: Se você leva um cachorro ao médico

Capítulo 5: Castigo

Capítulo 6: Bola de borracha

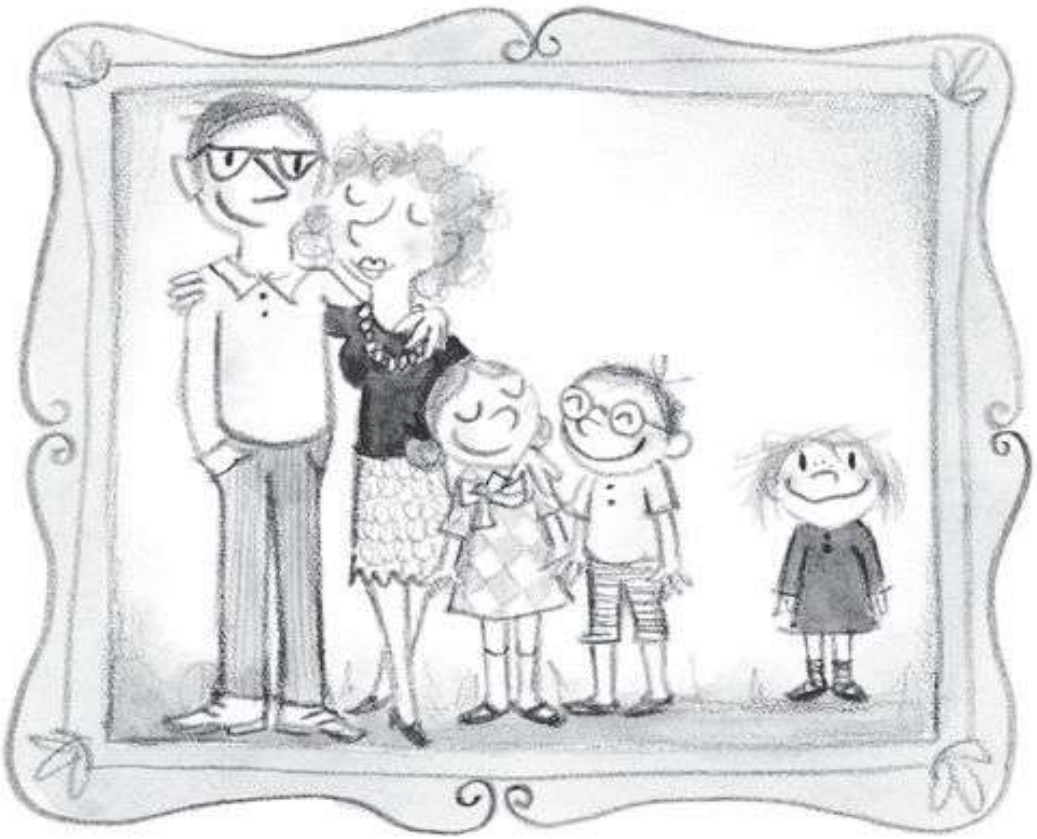
Créditos

A Autora

CAPÍTULO 1

Bebezona

Meu nome é Dora, e todos me chamam Espoleta. Esta é minha família. Sou a menorzinha.



O nome da minha irmã é Violeta, e o nome do meu irmão é Lucas. Violeta é a mais velha. Meus irmãos nunca querem brincar comigo. Dizem que eu sou uma bebezona.

– Mãe, a Espoleta está atrapalhando a gente!

– O que ela está fazendo? – pergunta minha mãe.



Durante o verão inteiro, toda vez que eu tento brincar com Lucas e Violeta, eles dizem: “POR FAVOR, DEIXE A GENTE EM PAZ!” Só que não vou embora. Também não consigo pensar em nada para dizer, então pergunto. Pergunto qualquer coisa que passa pela cabeça.


O que quer dizer "por favor"?
Por que nós temos axilas?
Como se faz plástico?

– Não vejo a hora das aulas começarem pra gente tirar férias da Espoleta! – diz Violeta.

– Eu também! – resmunga Lucas.

– Não falem da escola! – Cubro minhas orelhas. Não quero que o verão termine. Gosto de ficar em casa, de camisola, em vez de trocar de roupa para as aulas.

– Essa camisola é de inverno – diz Violeta.

– E está virada do avesso – completa Lucas.

– E de trás pra frente – afirma Violeta.

– E daí? – pergunto.

– Daí que agora você já tem seis anos, precisa parar de agir feito uma bebezona!



– Por que vocês sempre me chamam de bebezona? – reclamo.

– Porque você fala sozinha! – explica Violeta.

– E faz birra! – diz Lucas.

– E brinca com monstros – completa Violeta.

Falar sozinha? Não tenho ideia do que eles estão dizendo. Nunca falo SOZINHA. Falo com minha amiga Maíra. Ninguém consegue vê-la, só eu.



Maíra *sempre* quer brincar comigo. Ela me acha muito legal.



De noite, ela dorme debaixo da minha cama.



Durante o dia, Maíra me segue para todo lado. Quer fazer tudo o que eu estiver fazendo. Em geral não me importo, mas às vezes preciso pedir para ela parar.



– Tudo bem. Maíra, então do que você quer brincar? – pergunto.
Estas são algumas coisas que Maíra gosta de fazer:



Tentar roubar a Cereja, a boneca de Violeta.



Fingir que está dormindo.

Roubar biscoitos lá
do alto do armário.



Fazer ginástica.

Ser puxada pela casa dentro
do cesto de roupas sujas.

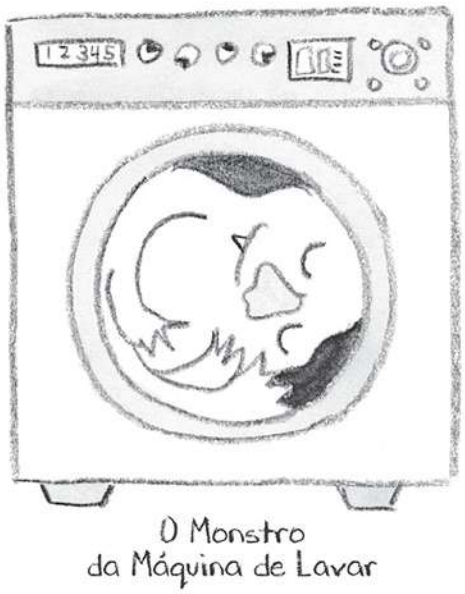




E procurar monstros.

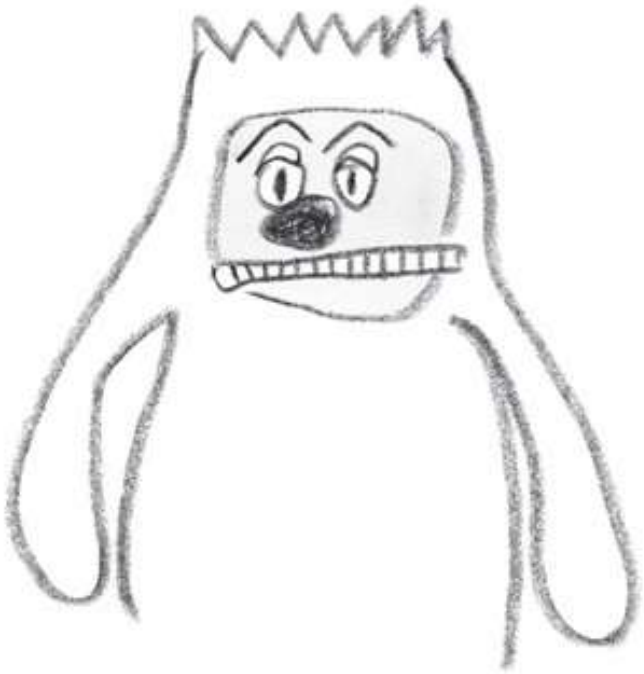


Maíra é meu monstro favorito, mas na verdade minha casa está cheia deles. Tem o Monstro do Banheiro, que vem quando você fica sentado na privada tempo demais.



Tem o Monstro do Ketchup, que faz sons estranhos quando você aperta o ketchup. Tem o Monstro da Máquina de Lavar, o Monstro da Cômoda Quebrada, o Monstro do Aspirador, o Monstro do Corredor do Andar de Cima, o Monstro da Sala de Estar e vários outros.

O Monstro
do Corredor do
Andar de Cima



Eu tento avisar Lucas e Violeta quando vejo algum.



- Cuidado! Está atrás de você!



- AHHH! Tem um monstro na sua cueca!



Mas Lucas e Violeta não gostam nada disso.


A ESPOLETA ESTÁ ME DEIXANDO LOUCA!
É, a mim também. O que vamos fazer?


Vamos dar um susto nela também. Vou pensar em algo.
Pense em uma coisa que faça ela parar de agir como uma BEBEZONA!
HHHhhhhuuummmmmm...
Tive uma ideia.

Depois do jantar, Violeta e Lucas dizem que precisam me contar uma coisa importante.

Vou com eles até o segundo andar, subindo de dois em dois os degraus. Estou tão empolgada. O que pode ser? Violeta me deixa sentar na cama dela. Talvez me deixe brincar com a Cereja.



– Espoleta, você já ouviu falar de... uma pessoa chamada dona Finória Merlo? – pergunta ela, muito devagar.

Faço que não com a cabeça.

– Bem, a dona Finória Merlo é uma ladra e rouba meninas pequenas – revela Violeta.

– Tem quinhentos e sete anos e seus dentes são muito afiados! – completa Lucas.

– E, bem – diz Violeta –, você vai ficar muito surpresa com o que vou dizer.

– O quê? – pergunto. Estou morrendo de curiosidade.

– Ela está procurando por você – diz ela depressa.

– Está falando sério? – pergunto.

– Muito sério – responde Violeta.

– A dona Finória Merlo está *me* procurando? – pergunto, admirada.

– Shhhh – faz Lucas. – Ela é tão assustadora que você tem que sussurrar ao dizer o nome, assim: *dona Finória Merlo*...

– Então, se eu fosse você, ia parar de agir como uma bebezona... para ela não vir te pegar – diz Violeta.

Por um instante, fico em silêncio.



Tenho muito em que pensar. Lucas e Violeta me encaram, como se estivessem esperando eu começar a chorar.

– Como ela vai entrar aqui em casa? Pela porta da frente? Vai tocar a campainha? – pergunto.

Antes que respondam, tenho algumas outras perguntas: Ela é sorrateira? Vou ter que lutar contra ela? Ela usa uma longa capa preta? A capa é feita de pele de animal? A pele é verdadeira ou falsa? Os dentes dela são podres? Ela escova os dentes? Tem um nariz muito estranho? Tem um gato? Vive em uma caverna? É ossuda e alta?

– A GENTE NÃO SABE! DEIXE A GENTE EM PAZ! – gritam os dois, já balançando a cabeça e se afastando depressa.

Sigo Lucas e Violeta pela casa.

– Ah, que droga! O que fizemos? – diz Lucas, cobrindo as orelhas.

Ela é vegetariana?

Vota?

É um ser noturno?

Gosta de sorvete?

Gosta de alguma coisa?

Tem superpoderes?

Tem um celular?

COME GALINHAS DE BORRACHA?



– Foi a pior ideia que a gente já teve – diz Violeta, tentando se livrar de mim.

– A pior – concorda Lucas. – Pior. Pior. Pior.

– Não quero nem saber o que vai acontecer agora – diz Violeta.




567

CAPÍTULO 2

Você ouviu a campainha?

Na manhã seguinte, avisei a Maíra:

– A dona Finória Merlo tem quinhentos e sete anos, dentes pretos, que são afiados como agulhas, e seus bolsos estão cheios de lenços sujos. E... pode estar vindo para cá agora mesmo, então não aja como uma bebezona.

Nunca vi um monstro tão assustado.

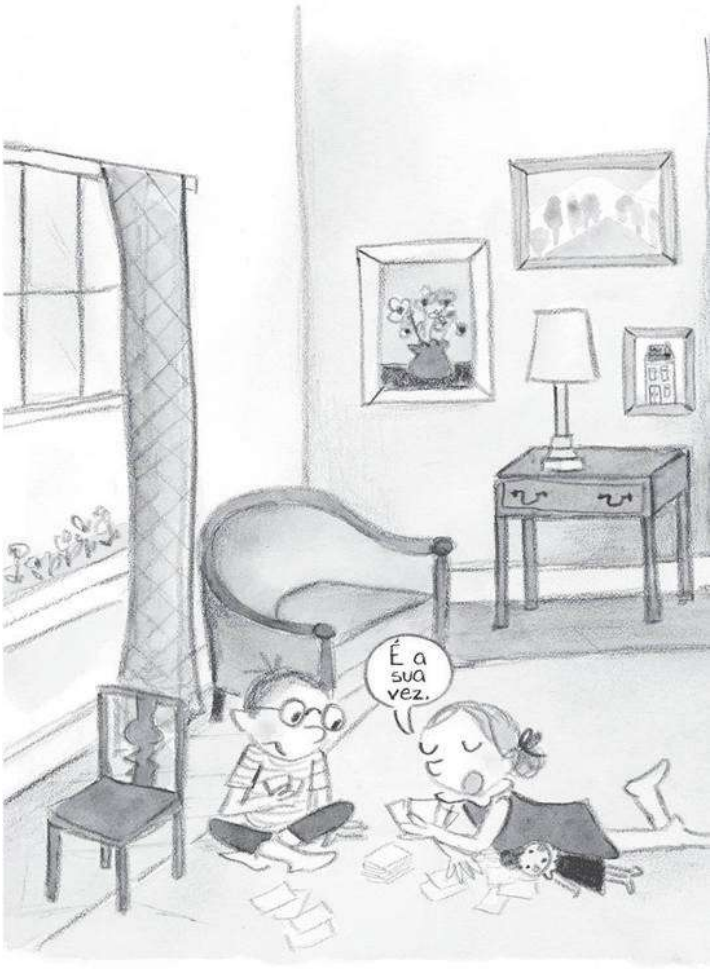


Quando ouço a campainha, corro para o primeiro andar.



– Tá bom, vou atender! – eu disse.

561


É a sua vez.


AHHHHH!
ELA ESTÁ
AQUI!

Corro e me escondo embaixo da cama dos meus pais. Há alguma criatura quentinha e peluda embaixo da cama comigo. Alguém já está escondido ali. É a Maíra.



– Você viu minha capa? – sussurro.

Maíra se estica e pega minha capa, que está toda amarrotada e embolada. Ela *sempre* pega minhas coisas e não devolve.

– Vou à luta – aviso, colocando a capa.

– Posso ajudar?



Então, corro o mais rápido que consigo até o quarto do Lucas para pegar seus dardos. Mas, quando ouço passos se aproximando, pulo dentro do armário para me esconder.



Lá dentro é escuro, quentinho e um pouco fedido. Na verdade, fico muito feliz no armário, por isso decido ficar. Por dias e dias, provavelmente. Posso até ouvir minha família dizendo: "Onde está a Espoleta?"

– Rá, rá! Nunca vão me achar! – Eu rio.



Os passos de novo! AH, NÃO! ELA VAI ME ACHAR!



A porta do armário é aberta.

É só o chato do Lucas!

– Espoleta, o que você está fazendo aí dentro? – pergunta ele.

– ME DEIXE EM PAZ! – grito. Estou muito irritada porque ele arruinou meu esconderijo. – NÃO ME ACHE! NÃO ME ACHE!



Então pulo e me debato e jogo para longe algumas coisas. E choro com tanta força que parece que o quarto está embaçado e de cabeça pra baixo.



Quando paro de chorar, me sinto bem melhor.

– Posso pegar um dardo emprestado? – peço a Lucas, secando as minhas lágrimas.



– Você é doida – responde ele, e depois vai embora, o que acho que quer dizer sim.

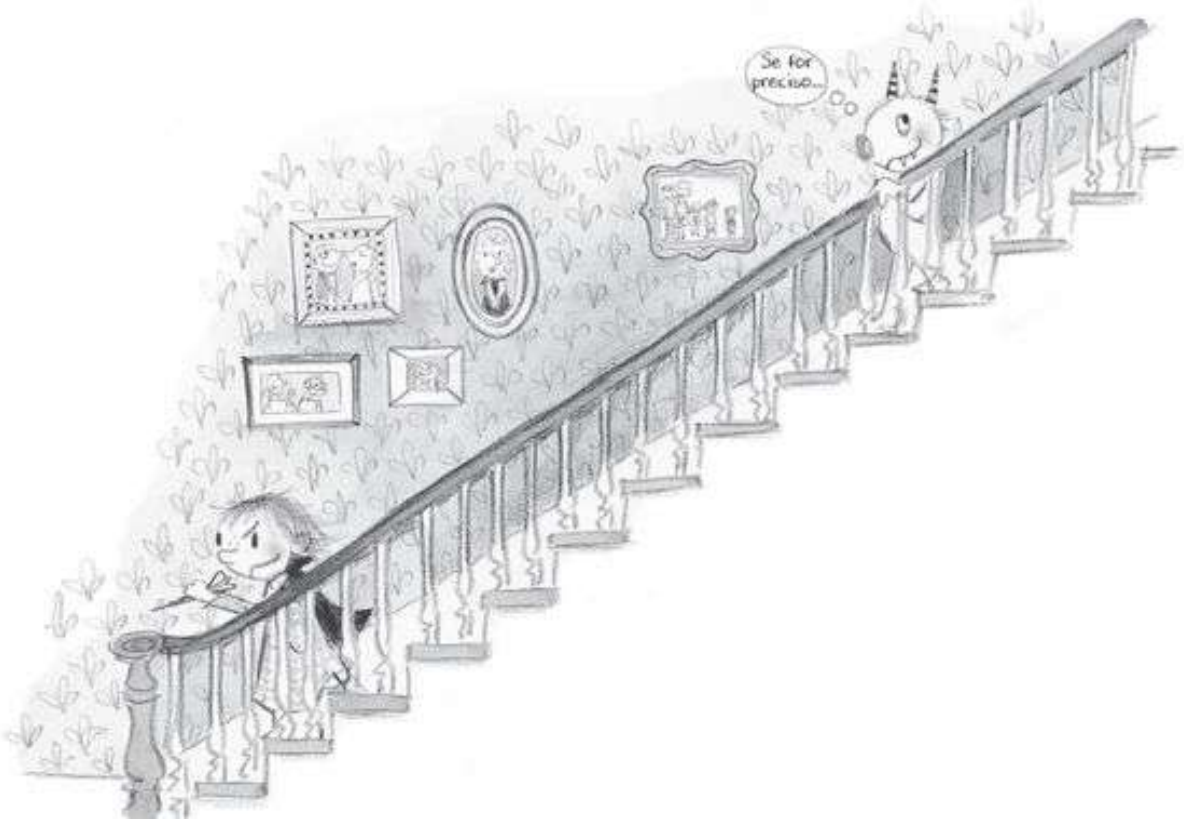
Pego o dardo e saio correndo. No corredor, dou de cara com Maíra. Ela está apontando o chão e pulando pra cima e pra baixo.

– A dona Finória Merlo foi para o andar de baixo! Está na sala! O que você vai fazer? – grita.

– Vou atingi-la com este dardo sonífero especial. Isso vai fazer ela dormir durante cem anos.

– Uau! – exclama Maíra. – É uma ótima ideia.

– Não me siga – aviso logo.


Se for
preciso...



Lá está ela! Sentada ali! Seguro o dardo, pronta para lançá-lo pela sala. Pronto, um, dois... Espera um minuto. O que Violeta acabou de dizer?



– Eu sou a mamãe, você é o papai – diz Violeta.

Estão brincando de casinha? Eu paro a minha batalha. Largo o dardo. Quero brincar de casinha.

– Agora, só precisamos de um bebê – continua Violeta.

Bebê? Alguém disse bebê?



Minha irmã e meu irmão me olham com muito cuidado, tentando se decidir. Faço a minha carinha mais fofa de bebê.

– Gu-gu – digo.



– Humm – começa Lucas.
– Bem... – diz Violeta.
– Humm – faz Lucas.

– Tenho uma ideia melhor! – fala Violeta, pegando a Cereja. – A Cereja vai ser a bebê!
– Ótima ideia – concorda Lucas. – É muito mais silenciosa.
– E muito mais fofinha – diz Violeta.

Cereja bebê velha idiota, penso. Usando minha voz mais assustadora, cerro meus dentes e a ameaço:
– Espera só pra ver, um dia eu te pego.

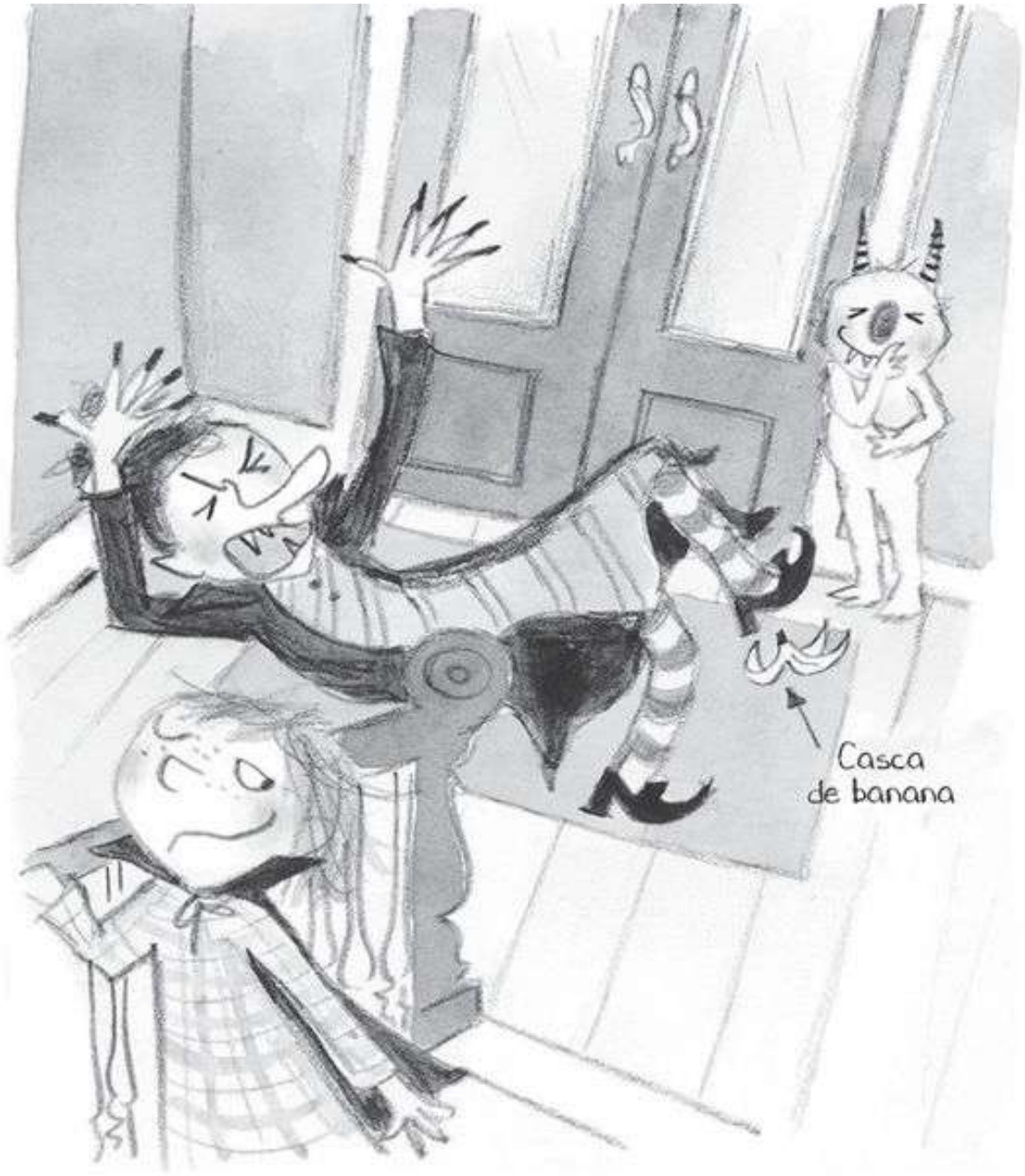


Enquanto me afasto, coloco a mão sobre a testa e penso. Não tenho tempo para brincar, de qualquer forma. Estou *muito* ocupada.

Mas o que *estava* me ocupando tanto mesmo?

Não consigo lembrar.





Tenho certeza de que eu estava fazendo alguma coisa importante.

Quando chego ao meu quarto, me aconchego na cama com meu coelhinho. Então, Maíra vem trazer meu dardo.



– Ah, é! – lembro. – Eu estava prestes a atirar na dona... é... sshh... Você ouviu isso?

Rangidos vêm da escada. Até o Monstro do Corredor do Andar de Cima está assustado e quer se esconder no meu quarto. Nós espiamos e vemos a dona Finória Merlo, que parece mais irritada que antes. Chegou a minha hora de ser corajosa.

– Três, dois, um... – sussurro.



Então, pulo e lanço meu dardo.



A dona Finória Merlo tropeça. Ela caminha na direção da parede, seus joelhos estão se dobrando, os olhos estão fechando... e ela cai!

– Vou achar aquela garota assim que acordar – murmura, e depois cai de vez em um sono profundo.



Preciso contar para Lucas e Violeta! Eles têm que saber que acertei a dona Finória Merlo, porque fui muito rápida, esperta e tive uma pontaria muito boa. Eles têm que saber que bebezona alguma poderia fazer o que fiz. Eles têm que saber!

Corro para a sala e salto bem no colo da Violeta. Coloco as mãos em concha em volta de sua orelha.



Sussurro meu segredo:

– A dona Finória Merlo está dormindo no corredor do segundo andar! Atirei um dardo sonífero nela! Estou falando muito sério.

– Mãe! A Espoleta está nos chateando! – reclama Violeta, me empurrando para fora de seu colo.

– O que ela está fazendo? – pergunta minha mãe, da cozinha.

– Ela está cuspindo no meu ouvido!

– Não estou, não! Estou contando um segredo! – grito.

Mas, antes que minha mãe entre na sala, fujo o mais rápido que posso. Enquanto corro pela escada, ouço minha mãe dizer:

– De onde a Espoleta tirou essa brincadeira maluca da dona Finória Merlo?

Paro para escutar mais.

– Não faço ideia – diz Violeta.

– Como poderíamos saber? – desconversa Lucas.

Sigo pelo corredor até meu quarto, tomando cuidado para não tropeçar no corpo atravessado no chão.


Leite
Cereais
Sweetos

CAPÍTULO 3

Vira-lata

Quando salto o corpo da dona Finória Merlo, no caminho para o café da manhã, começo a me preocupar. Cem anos *parece* bastante tempo, mas e se passarem muito rápido? Decido usar um disfarce dentro de casa para o caso de a dona Finória Merlo acordar. Só para garantir.

– *Você não está com calor dentro dessa roupa?* – pergunta Lucas.

– Não. Sim. Só não quero que a dona Finória Merlo me reconheça.

– Pare de falar da dona Finória Merlo! – grita Violeta.

– Pare de falar da dona Finória Merlo! – imito.



Enquanto dona Finória Merlo está dormindo, finalmente tenho tempo para ficar com Lucas e Violeta.

Tento fazer Lucas e Violeta rirem de mim. O café da manhã, descobri, é o melhor momento para as risadas. Se consigo fazer o leite sair pelo meu nariz, eles sempre riem. E se meus pais dormirem até tarde, consigo fazer eles rirem usando palavras do banheiro.



Mas depois do café da manhã, tenho que me esforçar muito mais para conseguir a mesma atenção.

– Se você quiser, pode me ordenhar – ofereço para Violeta.



– Eca – diz Violeta.

– Certo, vou me ordenhar e encher um copo de leite para você – sugiro.

– SAIA DE PERTO DE MIM! – grita Violeta.

Sigo Lucas e Violeta pela casa e penso em maneiras de criar boa impressão. Maíra vem atrás de mim.

– Posso desenhar um bigode na dona Finória Merlo enquanto ela dorme? – pergunta Maíra.

– Não, é muito arriscado! – digo para ela.

– Mas ela está roncando muito alto! – insiste Maíra.

– Estou ocupada – respondo e dispenso ela.



– Oi, pessoal, vocês querem ver um truque de mágica? Estão vendo o graveto na minha mão? – digo. Então coloco as mãos atrás das costas.

– Agora está na outra mão. Ta-dá!



– Esse é o pior truque que já vi na vida – diz Lucas.



Eles nem mesmo querem me ver comer um guardanapo.

– Oi, gente. Vocês sabiam que consigo cantar sem abrir a boca? Estou falando sério. Escutem!



– Será que você pode ficar murmurando em algum outro lugar? – pede Lucas.

– Não estou murmurando, estou cantando! – exclamo.

– Espere um minuto... isso é suor? – quis saber Violeta, olhando para cima. – Você está coberta de suor? – pergunta. – Tire esse negócio!

– Não – respondo, e cruzo os braços. – Não vou tirar.

– Por que você sempre tem que agir como uma bebezona? – pergunta Violeta.

– Então minha mãe grita:



Estou fervendo, mas é de raiva!

– Eu estava cantando! Você está me interrompendo! – digo.

Me jogo no chão da cozinha. O azulejo está frio em meu rosto quente. Minhas lágrimas escorrem sobre os desenhos e relevos no azulejo que conheço tão bem por causa de todos os meus ataques de birra no chão da cozinha. Enquanto estou gritando, pulando e chorando, desabotoo minha fantasia de vaca e fico só de calcinha porque *está quente demais para ter um chilique em uma fantasia de vaca*... **não** porque me mandaram tirar!



Quando termino, coloco meu maiô e vou lá para fora.



Encontro Maíra adormecida sob uma árvore.

– Você está dormindo mesmo ou só está fingindo? – pergunto.

– Dormindo mesmo – ela responde sem abrir os olhos. Agora nem a Maíra quer brincar comigo.

Fico deitada na rede sozinha e penso que talvez Lucas e Violeta estejam certos. Talvez eu seja uma bebezona. Penso em todas as coisas de bebê que faço: Ainda cheiro meu coelhinho e chupo o dedo para dormir. Ainda visto as roupas do lado avesso. Ainda não sei assoviar. Ainda derramo tudo o que me sirvo. E ainda quero usar minha camisola o dia inteiro.

Quando olho para o alto das árvores, através das lágrimas, vejo alguém lá em cima olhando para baixo, para mim.



– Quem é você? – pergunto, esfregando os olhos e piscando, ofuscada pelo sol.

– Sou sua fada madrinha – diz um homenzinho descendo da árvore como um coala.

– Tem certeza? – pergunto. – Você não parece uma fada madrinha.

– Sim, tenho bastante certeza – diz, mas parece um pouco confuso ao olhar pra mim. – Bem, o importante é que estou aqui para te ajudar. – Ele diz que se chama seu Brandão e que mora na floresta.

– Moço, preciso muito de ajuda! – exclamo. – Você pode me transformar em alguma outra coisa? Eu tenho problemas demais como humana.

– Claro – concorda. – O que acha de um abacaxi?

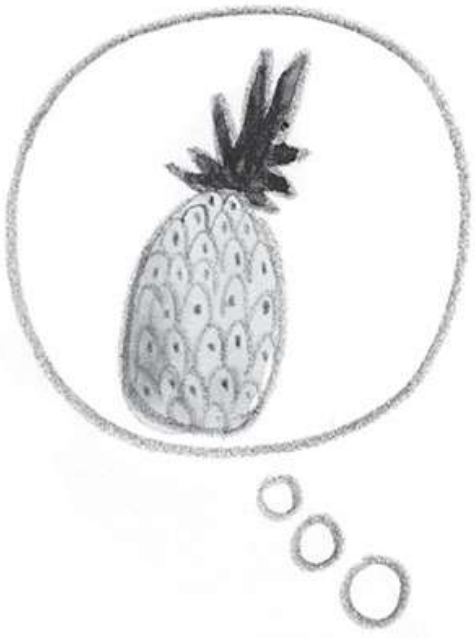
– Hummm. Sim – digo, e nem ligo muito. – Por que não?

Seu Brandão prepara a sua varinha.

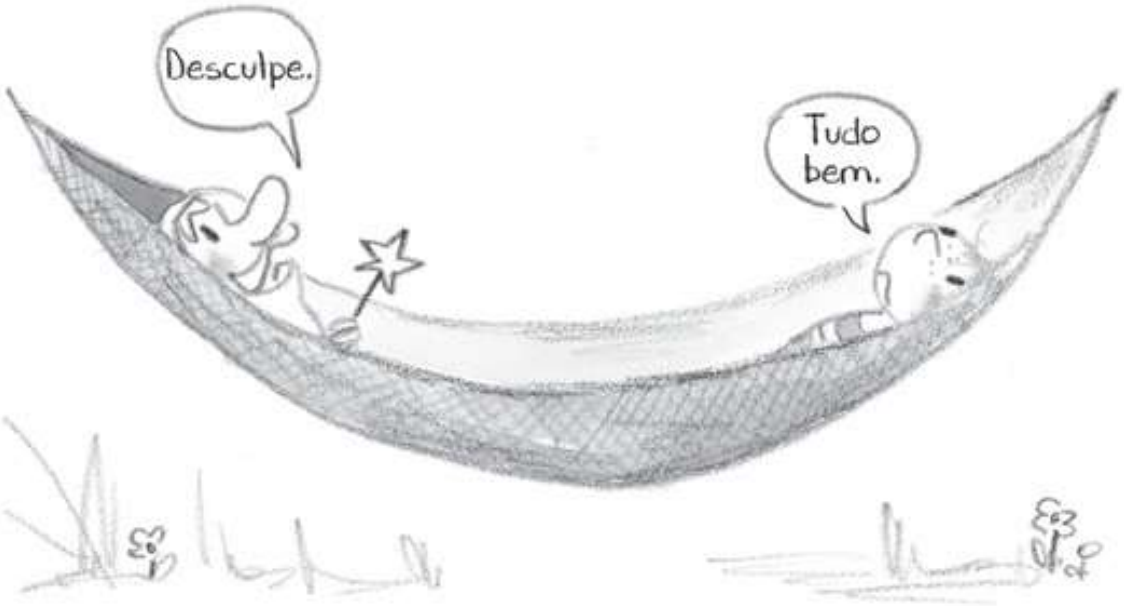
– Um! Dois! Três! TA-DÁ!

Olho para meu corpo.

– Não me sinto um abacaxi – digo. – Pareço um abacaxi?



Seu Brandão olha para mim cuidadosamente. Ele me cheira. E me cutuca. Depois balança a cabeça tristemente em uma negativa.



Aí, eu tenho uma ideia.

– Que tal um filhote de cachorro? – pergunto. – Você pode me transformar em um filhote?

– Sem dúvida – diz, levantando-se empolgado. – Nenhum problema!

Seu Brandão tem sorte porque já sou muito boa em me transformar numa cadelinha.

– Um, dois, três. – Ele balança a varinha. Eu caio de quatro.

– *Au, au, au* – lato e balanço o rabo. Seu Brandão parece muito feliz.



Fui transformada numa cadelinha bem na hora, porque olha só quem acordou.



– Para onde foi aquela garotinha? Ela estava aqui fora agora mesmo! E de onde saiu essa estúpida cadela? – pergunta a dona Finória Merlo para o seu Brandão.

– Você deve estar imaginando coisas – diz seu Brandão. – Não tem nenhuma garota aqui.



– Sei que você está tramando alguma coisa, Brandão – afirma. – Seus truquezinhos idiotas nunca funcionam comigo.

– Cuidado – avisa seu Brandão. – Esta cadelinha morde.

Lato com força para a dona Finória Merlo.

– Alguém mande este animal calar a boca! – diz a dona Finória Merlo. Ela não faz ideia de que sou eu!

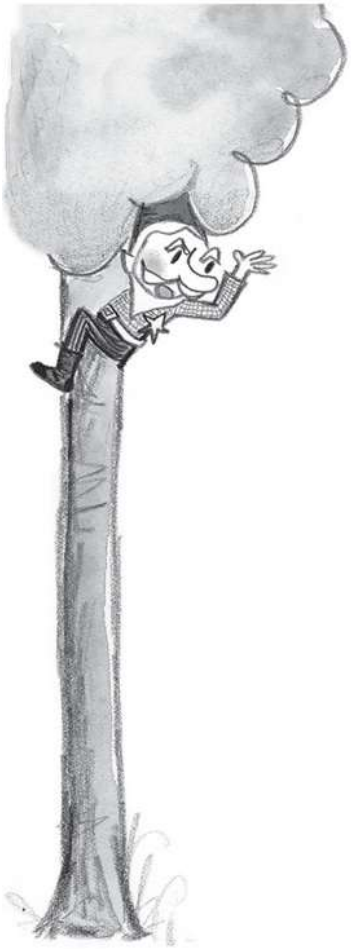


– *Au, au!* – lato, o que significa "Meus dias como humana acabaram". *E, cara, acabaram mesmo.*

– Preciso ir agora – avisa o seu Brandão. – Minha esposa precisa de mim em casa para o jantar. – Ele volta a subir na mesma árvore.

– *Au, au, au* – lato para a árvore atrás dele, o que significa: "Espere! Qual o número do seu telefone?"

– Você pode me chamar de qualquer banana – grita ele para mim. – Sem números.



Então, desaparece entre as folhas de verão.

Violeta e Lucas vêm para fora jogar frisbee, e corro para contar as novidades.

– Tenho ótimas notícias! A dona Finória Merlo não vai mais me procurar.

– Sério? Você decidiu parar de agir como uma bebezona? – pergunta Violeta.

– Não, decidi parar de agir como um humano – digo.

– Ah, não – diz Violeta. – Não me conte. Não quero saber.

– Não tem problema – digo –, porque eu não posso falar mesmo. *Au, au.*

E saio correndo atrás do frisbee.

– *Au, au, au, au* – continuo latindo.



– Cai fora – diz Violeta.

Mas Lucas diz:

– Venha aqui, cadelinha! – E acaricia minha cabeça. – Qual é seu nome?



Preciso pensar em um nome MUITO bom, o bastante para que Lucas fique animado para brincar comigo. Me concentro bem.

Finalmente...

Digo meu nome sem abrir a boca, pois filhotes não falam: "Vira-lata."

– Seu nome é *Vira-lata*?

Faço que sim com a cabeça e digo *"au, au, au"*.

Lucas parece satisfeito.

– Você tem dono? – pergunta.

Balanço a cabeça negativamente e faço os olhos de filhote mais carentes que consigo.

– Bem – diz, acariciando-me –, posso ser o seu dono. Mas você tem que ser uma boa cadela.

– *Au, au, au!* – Eu pulo, balanço o rabo e dou cambalhotas para mostrar como estou feliz.

Acontece que Lucas queria muito ter um cachorrinho. Eu não sabia.



Tenho longos pelos brancos com manchas marrons e uso uma coleira rosa com bolinhas brancas, meu focinho é molhado, sou muito agitada e costumo babar. Lucas simplesmente não se cansa de mim. Ele *ama* a Vira-lata.







Foi assim que eu me tornei uma cadela chamada Vira-lata, e a dona Finória Merlo ficou circulando pela minha casa parecendo entediada e confusa. Acho que está me esperando voltar.

CAPÍTULO 4

Se você leva um cachorro ao médico

Lucas coloca a tigela de cereal no chão para mim, e eu como tudo, faminta. Ele me dá petiscos (mais cereal) quando faço truques. Estes são os meus truques:



Depois eu sigo meu pai pela calçada quando sai para o trabalho.



– *Au, au!* – lato, e pulo em Violeta, que ainda está tentando se acostumar comigo.

– Pare de me lamber! – grita. – Eca! Socorro! A Espoleta está me lambendo de novo!

– Espoleta, coloque sua língua de volta na boca! – ralha minha mãe.



No café da manhã, pego meias com a boca e as entrego ao meu dono. Faço sons de filhotinha implorando até Lucas jogar as meias para que eu vá buscar.



– Preciso ir. Seja uma boa cadelinha hoje – diz meu dono. Eu me deito para que ele possa acariciar minha barriga. Lucas e Violeta estão indo para a casa de um amigo. Se eu não fosse uma cadelinha, estaria morrendo de ciúme.

Em vez disso, me sinto muito feliz porque posso ficar em casa o dia todo e mastigar meias com Maíra.



Mas minha mãe me surpreende com uma notícia terrível: preciso me vestir.

– Vista isso aqui – diz minha mãe, tirando as meias da minha boca.

– *Au, au* – lato, o que significa "não".

– Espoleta! Nós temos que ir! Não estou brincando! – insiste ela. – Você tem consulta marcada hoje. Precisa fazer um checkup antes da volta às aulas.

– *Au, au* – respondo, e balanço a cabeça.

Não quero me vestir porque não quero ir a lugar algum. Quero ficar em casa usando minha camisola, que é na verdade parte do meu pelo.

– AGORA! – grita minha mãe.



– Cães não se vestem. *Au!*

– Nós estamos muito atrasadas, vamos logo! – ralha minha mãe. Mas não importa quantas vezes repita... *Dora, você me ouviu dizer que estamos com pressa? Nós temos consulta marcada. Não podemos chegar tarde...* nada disso tem significado pra mim, *porque eu sou uma cadelinha!*

– *A-au-au-au-au, au... au... a-au... au, au, au* – afirmo, o que significa: "Não, obrigada. Eu só vou ficar em casa e mastigar as meias."


Essa cadela parece familiar.
FINÓRIA CRACKERS



Nós já estamos na calçada quando minha mãe finalmente consegue passar o vestido pela minha cabeça.

Choro e levo uma gigantesca bronca, as pessoas passam e nos encaram.


567
Aquela cadelinha ficou ridícula de vestido.

Eca, odeio este vestido idiota. *Argh*.

Planejei me transformar de novo em uma garota quando chegássemos ao consultório médico. Mas descobri que era impossível deixar de ser uma cadela. Estava presa na identidade canina e não havia nada que eu pudesse fazer a respeito. Essas coisas só acontecem comigo.

A médica é muito sorridente. Ela me faz várias perguntas.

– Quantos anos você tem, Dora?

– *Au, au!* – respondo.

– Qual ano você está começando na escola?

– *Au!*

– Dora, você precisa responder à médica – diz minha mãe, que parece envergonhada.

– Estou vendo que você gosta de fingir que é uma cadelinha. Você é muito fofa – elogia a médica. – O que mais você gosta de fazer?

– *Au, au, au!* – exclamo.

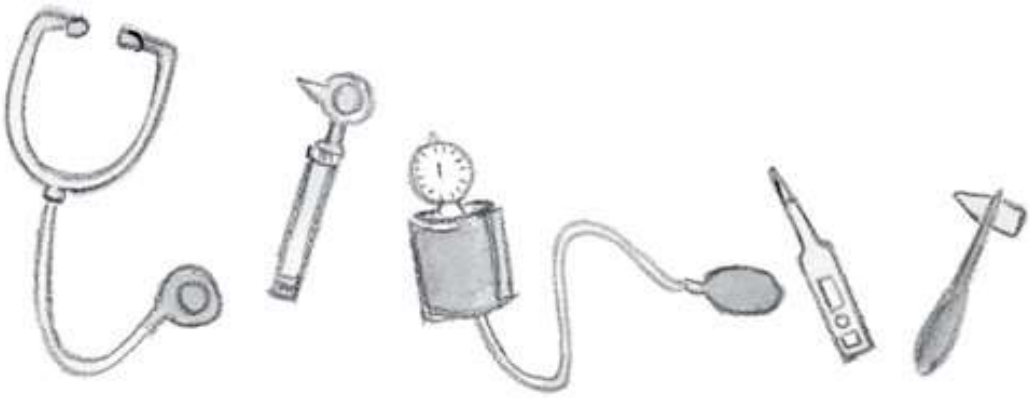
– Desculpe-me – diz minha mãe. – Dora é muito imaginativa, um pouco demais.

– Maravilha – responde a médica, e acaricia minha cabeça. Quero dar uma lambida nela.

– Coloque a língua de volta na boca – sussurra minha mãe para mim.



A médica escuta meus batimentos cardíacos, examina dentro dos meus ouvidos, mede minha pressão arterial e minha temperatura, e faz meus joelhos pularem, e para tudo isso fui uma cadelinha comportada.



Depois a médica diz que precisa verificar meus olhos. Ela me pede para olhar para um quadro, cobrir um dos olhos e dizer para que letra ela está

apontando. Ela aponta para um *E*.

– *Au?* – respondo.



– Dora – sussurra minha mãe –, se você não disser as letras, a médica vai pensar que você não consegue enxergar, e vai precisar usar óculos. *Então você precisa responder.*

Eu me imagino usando óculos e é muito fofo.



– Que letra é esta? – pergunta a médica, e aponta para um *F*.

– *Au?* – respondo.

– Desculpe-me – diz minha mãe. – Sei que a Dora enxerga muito bem, talvez a gente precise voltar outro dia.

– Certo – concorda a médica. – Não tem problema. Só há mais uma coisa que precisamos fazer.

E justo quando eu menos espero, no momento em que a médica está dizendo *como sou uma cadelinha saudável*... ela está segurando uma agulha. Tento escapar, mas não sou rápida o suficiente. AAAAIIII!!!!, grito e choro.



Depois a médica segura um cesto cheio de pirulitos na minha frente.

– Você pode pegar um pirulito para agora e outro para depois – explica a médica, sorrindo.

Minhas lágrimas nadam de volta para meus olhos quando vejo aquele cesto de pirulitos. Escolho um amarelo para agora e, quando a médica menos espera, espeto o palito do pirulito na coxa dela!

– Ai! – faz a médica.

– Uma injeção pra você também!



– Então você fala – observa ela, sorrindo.
Faço a minha cara de cadelinha nervosa e rosno.
– *Gggrrr* – digo, e mostro meus dentes pontudos.



Quando chega a hora de voltar pra casa, minha mãe coloca meu pirulito amarelo na bolsa e percebo que não o terei de volta. Depressa calço meus sapatos. Minha mãe nem precisa me pedir porque posso adivinhar, pela forma como está respirando, que simplesmente tenho que fazer isso.

No caminho para casa, pegamos Lucas e Violeta na casa do amigo deles. Dou umas ganidinhas silenciosas na direção de Lucas para que minha mãe não possa ouvir. Levanto minhas patas e faço meus olhos ficarem caídos.



Mas minha mãe escuta tudo.

– Dora, agora chega! Cansei! Nem mais um latido hoje! – ela ralha comigo, do banco da frente.

Faço beicinho.

Por alguns minutos, ficamos em silêncio no carro.

Então, tenho uma ideia.

– Quem quer ouvir como consigo murmurar alto? – sussurro.



CAPÍTULO 5

Castigo

Quando chegamos em casa, arrumei um grande problema. Minha mãe diz que tenho que ir pro quarto para ficar de castigo.

– Você pode só deixar a ração do lado da minha porta, *au!* – peço.

Isso deixa minha mãe tão zangada que ela segura minha pata e me arrasta pela escada acima.

– Anda! – diz ela.

– Estou indo! – choro.

– De pé! – grita minha mãe.

Sozinha no meu quarto, de repente não me sinto mais uma cadela de nenhuma maneira. Tive problemas demais como cadela. Mostro a Maíra meu braço vermelho. Ela fica muito triste por mim.



Visto de novo a minha camisola e depois abro a porta do quarto só um pouquinho e coloco a cabeça para fora. Posso ouvir minha família falando sobre mim na cozinha.

– Espoleta deu uma injeção na médica! – diz Lucas, rindo.

– Está fora de controle! – avisa Violeta. Ela está rindo também.


RATO
TORTUGA EN CASA
PERRO

Então ouço uma voz que não me é familiar.

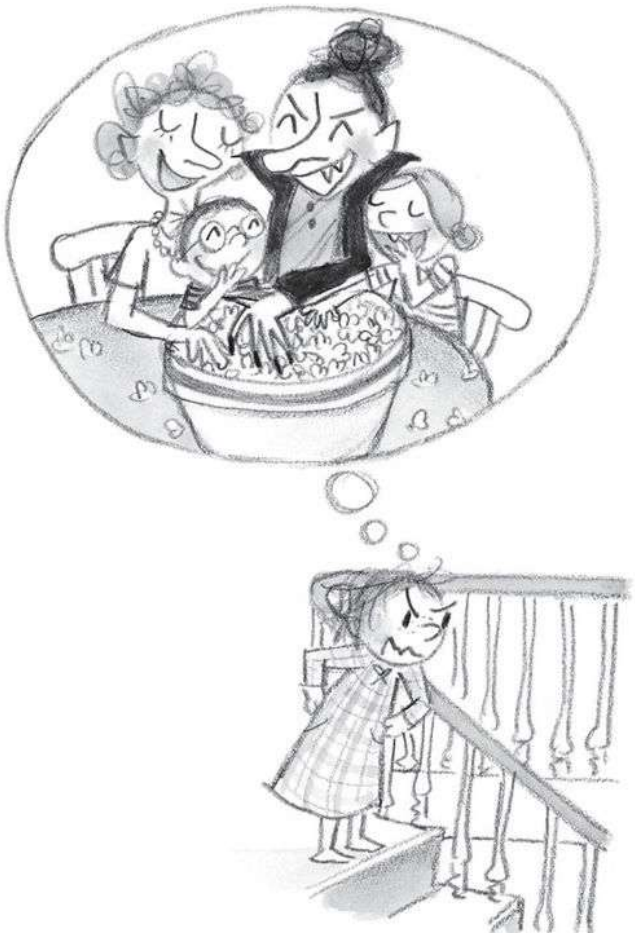
– Mesmo assim ganhou um pirulito? – diz a voz. Quem será? Parece uma velha bruxa... huuuuuuh?!! Será que era a dona Finória Merlo? Não posso acreditar nisso. Chego à escada para escutar melhor.

– Tudo o que ela fez foi latir. Nunca fiquei tão envergonhada na vida! – diz minha mãe.

– Que bebezona! – A voz ri. Agora tenho certeza: *é* a dona Finória Merlo. Estão todos sentados juntos ao redor da mesa da cozinha? E rindo de mim? E parece que estão comendo pipoca!

– Tudo o que ela precisa é de um castigo – afirma minha mãe.

– Concordo, mantenha a garota trancada – resmunga a dona Finória Merlo com a boca cheia de pipoca.



Corro de volta para meu quarto e conto tudo a Maíra.

– A dona Finória Merlo está lá embaixo *comendo pipoca* com a minha família. *PIPOCA!*

– Qual é a grande questão com a pipoca? – pergunta Maíra.



– Está comendo pipoca com a *minha* família! – Se Maíra não entende, eu que não posso explicar.

– O que você vai fazer? – questiona Maíra.

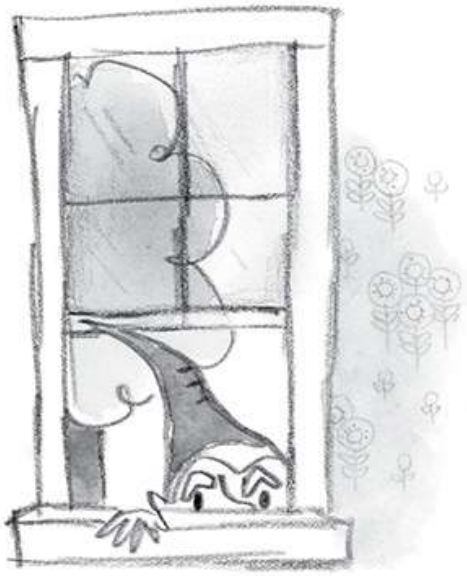
– Chega de me esconder! Chega de disfarces! Chega de truques! – grito. – Algo sério precisa ser feito!

– Tipo o quê? – pergunta ela.

– Passa pra cá essa banana. Vou ligar para o seu Brandão!



– Alô? Oi, sou eu. A dona Finória Merlo está comendo pipoca com a minha família. Sim, eu disse pipoca... Também não posso acreditar, então você poderia voltar, por favor?



Uau, isso foi rápido.
Seu Brandão sobe pela janela e limpa suas botas lamacentas.



– Trouxe ingredientes para uma sopa envenenada – diz ele. – É assim que vamos nos livrar da dona Finória Merlo... permanentemente.

– O que vai acontecer quando ela comer a sopa? – pergunto.

– Bem, primeiro vai sufocar um pouco, depois penas vão sair de suas orelhas, seus olhos vão se transformar em gotas de iogurte, e aí ela vai cair morta.

– Ah! – exclamo, abraçando-o. – Você é a melhor fada madrinha do mundo!

Alguma coisa, porém, não parece muito certa.

– Não quero ser seletiva – digo –, mas você poderia tentar ficar *um pouco* mais parecido com uma fada madrinha?

– Qual sua sugestão? – pergunta.

Corro ao meu guarda-roupa para pegar algumas roupas mais arrumadas.



Perfeito.

Em seguida, escrevemos avisos e colamos na porta, porque seu Brandão diz que precisamos de privacidade para fazer nossa sopa.

Depois que penduramos os avisos, alguém bate à porta.



É o Lucas.

– Mamãe disse que você pode sair do castigo agora.

– Não, obrigada – respondo, e fecho a porta. O castigo acabou sendo *muito* divertido.

Não queremos mais nenhuma interrupção, por isso decidimos mandar a Maíra como espiã.

– Avise se alguém estiver vindo. E coloque esta peruca! – peço, e a empurro porta afora.



Agora que tudo está silencioso, seu Brandão e eu finalmente começamos a cozinhar. Nós fazemos a mais deliciosamente mortal sopa envenenada para o jantar da dona Finória Merlo.


Eca.
Ela vai
amar.


Ingredientes
Azeitonas pretas
Eletricidade
Suco de lobo morto
Vasos sanguíneos e ossos de rabo
Todas as partes podres de todas as maçãs do mundo
CALDO
E, é claro, caldo de galinha.

Quando a sopa está pronta, nós a carregamos para a cozinha enquanto Maíra mantém a dona Finória Merlo distraída.



Então, seu Brandão e eu recolhemos materiais para um forte gigante, onde poderemos nos esconder até a hora do jantar, enquanto Maíra fica de guarda.



Nós pegamos os cobertores, lençóis e travesseiros das camas, e coletamos todos os tapetes que conseguimos, junto com toalhas, roupas sujas, tapetes de banho, e os organizamos em uma grande pilha rodeada por cadeiras. Nós até precisamos mover as mesinhas, e colocamos cadeiras em cima, no fim, amarramos tudo com um enorme rolo de fita. O mais incrível é que fizemos tudo isso sem que minha mãe sequer notasse, porque estava ao telefone.



– O jantar está servido! – chama minha mãe da cozinha. É claro que dona Finória Merlo é a primeira a chegar.

– Certo, esta é a sua chance! – digo para o seu Brandão. – Vai falar com ela!

Do forte, posso ouvi-los na cozinha.

– Boa noite, dona Finória Merlo.

– É você, Brandão? *Bonito vestido*.

– Obrigado. Eu tenho uma mensagem importante para você da Dora. Você se lembra da Dora, a bebezona que você veio pegar. Ela concordou em ir com você. Para a sua caverna. Para sempre.

– Ótimo! Eu quase esqueci o que estava fazendo aqui! É justamente Dora quem eu queria.

– Mas só *depois* do jantar – completou ele.

– Não tem problema – concordou ela. – Estou faminta.

Agora que ficou seguro eu sair do esconderijo, posso ir para a mesa jantar. Sento ao lado da dona Finória Merlo porque não quero perder o exato instante em que ela vai se engasgar com a sopa envenenada e cair morta. Rá. Rá. Rá. O seu Brandão e eu conversamos educadamente.

– Você gosta de sorvete? – pergunto à dona Finória Merlo.

– Não consigo pensar em nada mais nojento – diz.



– Você tem um celular? – quer saber o seu Brandão.

– Não, mas eu quero muito ter – responde ela. – Você pode me conseguir um?

– Hum... – hesita o seu Brandão, parecendo inseguro sobre o que dizer depois.

– Você tem um gato? – interrompo.

– Eu comi meu gato. Foi um acidente.

– Hum, então acho que você não é vegetariana – afirmo.

– Não sou – concorda. – Eu comeria um vegetariano. É isso que teremos para jantar hoje?

– Vamos comer sopa – informa seu Brandão. – Apenas sopa.

Tudo está muito calmo, até que meu pai chega em casa do trabalho e senta em cima da dona Finória Merlo.



– Está? – pergunta meu pai, parecendo confuso.

– Você está sentado em cima da dona Finória Merlo! – explico. – Você pode, por favor, trocar de lugar?

– Foi um looooooooongo dia – diz minha mãe para meu pai.

Finalmente todos estão sentados à mesa e nos lugares apropriados. O seu Brandão serve a sopa. A dona Finória Merlo pega a colher e experimenta.


Espero que ela goste...
Uau. Acho que vai funcionar.
Ela parece...
Ah, não.
NÃO MORREU!
Não acredito.


Hummmmmmm...

– Delicioso! – exclama a dona Finória Merlo, levando mais colheradas à boca e fazendo a sopa escorrer pelo queixo.

A sopa é um desastre. Nada acontece. Nada de penas nos ouvidos. Nada de olhos gosmentos como iogurte. É o meu fim.

– Desculpe-me. Devo ter esquecido algum ingrediente – o seu Brandão sussurra para mim.

– Ai! – grita a dona Finória Merlo. Maíra está mordendo seu tornozelo debaixo da mesa.

– Obrigada por tentar, Maíra – digo. Mas nada pode me salvar agora.



A dona Finória Merlo provavelmente vai me levar para sua caverna, acho, e colocar água no meu cereal em vez de leite, e vai me obrigar a dormir cedo demais, e não vai me deixar pular no sofá nem vai me levar para a biblioteca, e vai comer todos os meus doces do Dia das Bruxas, e sempre vai esquecer de comprar sabão de espuma para a banheira, e vai colocar sanduíches melados na

minha lancheira, e vai dizer que minhas camisolas estão pequenas demais e dá-las para crianças menores, e, quando chegar a hora de acender minhas velas de aniversário, não vai conseguir encontrar as que combinam... e... e... talvez até me cozinhe em uma panela gigante!



– Vou sentir saudade de todos vocês – digo à minha família. – Eu era uma criança tão boa, e agora vão me levar embora para sempre.

– Tchau! – diz Violeta.

– Até mais! – diz Lucas.

Enquanto sou levada embora, percebo pelo canto do olho a bebê Cereja em seu berço na sala. De repente, percebo que não preciso da ajuda de ninguém. Eu mesma posso me salvar.

Eu me solto dos braços da dona Finória Merlo e corro para pegar a bebê Cereja. Levanto-a no ar para que a dona Finória Merlo possa dar uma boa olhada.



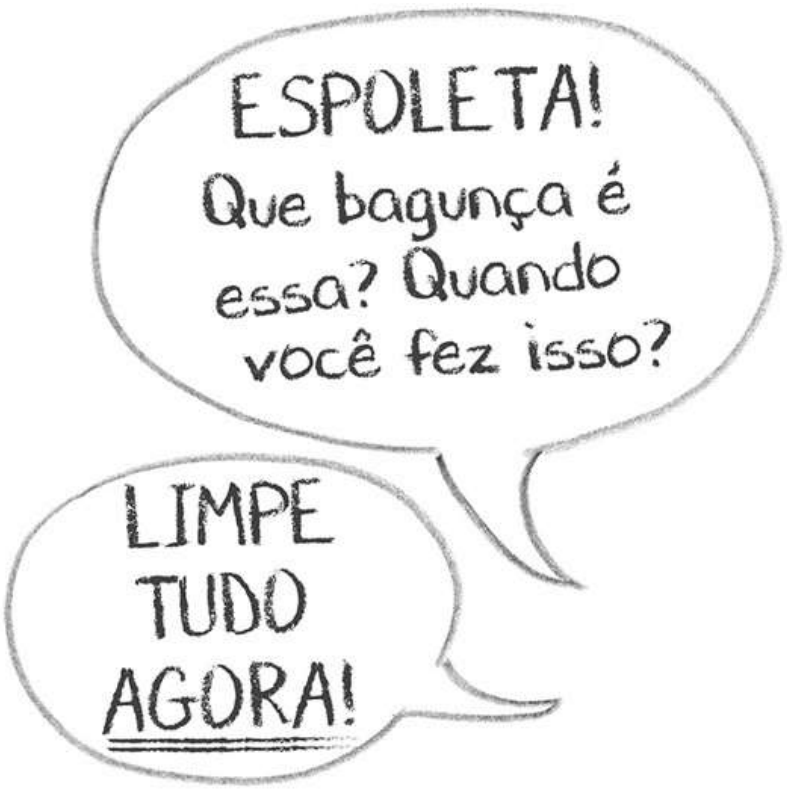
Ela encara a Cereja. Depois, olha para mim. Então, volta o olhar para a Cereja. E depois para mim. Respiro bem fundo e tento parecer muito crescida.

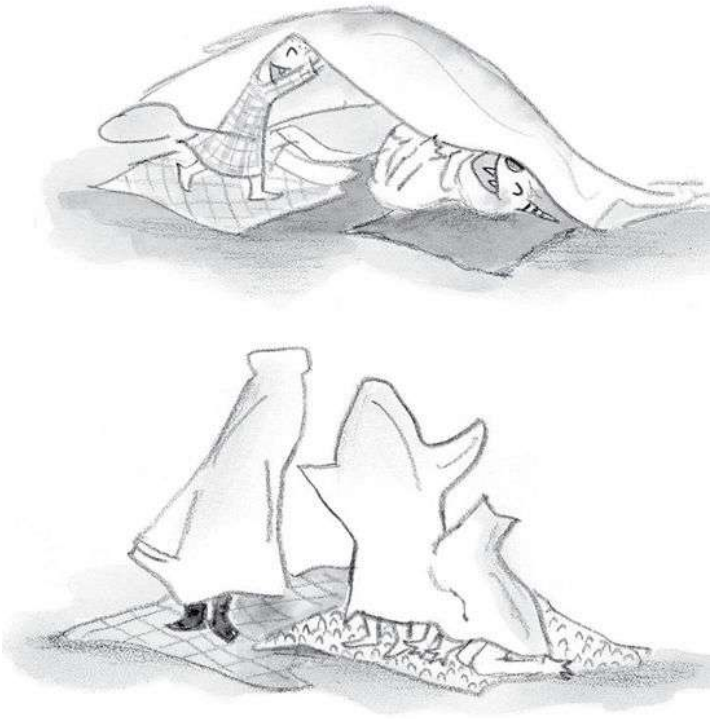
– Humpf! – diz ela, pegando a Cereja das minhas mãos.

Abro a porta e, fácil desse jeito, a dona Finória Merlo vai embora com a *bebê Cereja, aquela bonequinha velha e idiota*.


Estamos livres!
Iupii!

Então, ouço gritos.
É minha mãe. Ela encontrou meu forte gigante.





CAPÍTULO 6

Bola de borracha

Demoro um tempão para limpar o forte porque esqueço o tempo todo que estou arrumando tudo.

– Espoleta, hora de dormir! – chama minha mãe. – Escove os dentes!



Enquanto escovo os dentes, dou boa-noite para o seu Brandão. Ele colocou de novo as roupas antigas e está correndo para casa encontrar sua esposa.

Então, Violeta entra como um furacão no banheiro gritando:

– Não consigo achar a Cereja! E já procurei em todos os lugares! Sumiu!


Boa noite!



AI-AI. ONDE ESTÁ AQUELA BONECA?

– Volto já, já – digo.

Desço na ponta dos pés e entro na sala escura. *Ai! Onde coloquei a Cereja?* Entreguei para a dona Finória Merlo, é claro. Mas o que foi que fiz DE VERDADE com ela? Pense, pense, pense!, repito sozinha. Procuro em todos os lugares habituais... na geladeira, no banheiro, na máquina de lavar louças, no lixo, embaixo do sofá, no sofá, embaixo do tapete, no segundo andar...



Em todos os armários, embaixo das camas, dentro da banheira...
Depois de olhar em todos os lugares, encontrei:



Mas nada da Cereja. Coloquei a bola de borracha no bolso.

Estou tão cansada. Desisto. A Cereja definitivamente não está dentro de casa.



Bem, se não está dentro de casa, onde está? Será que alguém a pegou? Quem a pegaria, além da dona... AH, NÃO... Aaaaahhhhhh!!

Se a Cereja realmente desapareceu para sempre, quer dizer que a dona Finória Merlo É REAL??

Meu pai escuta meu grito e vem correndo.

– Por que você está gritando como uma doida? Você vai acordar toda a vizinhança! Pare com isso agora e vá para a cama!

– AAAAAAAAHHHHHHHHHHH!

Ele me puxa pelo braço.

– Já estamos cansados do seu comportamento hoje, Espoleta. Todo mundo já está cansado, entendeu?

– AAAAAAAAHHHHHHHHHHH!

– Pare de gritar! – grita meu pai.

– ELA ERA REAL! – berro.



– Tudo bem, se acalme, era real, como você quiser – diz meu pai, e me arrasta pelo corredor até meu quarto. – Apenas vá para a cama.

Até meu pai acha que ela é real!



– Preciso ser corajosa – afirmo, agarrando-me a ele.

– Não! Você precisa ir para a cama! – diz ele, e me solta na cama. – Fique. Na. Cama – ordenou, apontando o dedo indicador para mim. E então me aperta forte. – Porque não é seguro para você sair daqui! – ele diz isso enquanto bate a porta, e acho que o escuto rir um pouco.

Finjo que estou dormindo por alguns minutos. Depois, quando tenho certeza de que meu pai voltou para o andar de baixo, me esgueiro para fora do quarto. Quero contar a verdade para Violeta. Que a Cereja desapareceu para sempre e *a culpa é toda minha*. Sei que ela vai querer me matar, mas nem vai precisar se esforçar tanto. Porque a Dona Finória Merlo provavelmente está voltando para me pegar.

Tenho uma ideia. Depois de contar a má notícia, vou dar a Violeta sua antiga bola de borracha. Isso talvez a faça se sentir *um pouco melhor*.



– Violeta – digo baixinho, segurando a bola de borracha bem apertado atrás das costas.

– O quê? – resmunga.

– Tem algo que eu preciso te contar... hum... Eu..

Então, não acredito no que estou vendo. Fico boquiaberta. *Aquela é a Cereja?* Ali deitada ao lado de Violeta.

– Como... como... como... chegou aqui? – pergunto.



– Ah, Lucas a encontrou quando escapou lá para fora para pegar borboletas – explica Violeta. – Devo ter deixado ela cair na varanda da frente, mas não lembro quando.

– Ah – digo baixinho. Mas dentro da minha cabeça, meus pensamentos estão berrando: AAAAAHHH! A varanda! Claro! Eu a joguei pela porta de entrada quando a dona Finória Merlo estava indo embora!



– O que você queria me contar? – pergunta Violeta.

– Ah, é... aquilo... bem... – digo, escalando sua cama e me enfiando dentro de suas cobertas quentes e aconchegantes.



– Bem, a dona Finória Merlo não é real, no fim das contas – digo.

– Eu sei. Fui eu que a inventei, idiota.

– Você fez isso??? Ah, é – concluo. – Obrigada, Violeta, foi uma brincadeira divertida. Mas ficou um pouco assustadora no final.

Estou feliz porque consegui ficar nesta casinha confortável com minha família depois de tudo.

– Boa noite – digo para Violeta.

– Boa noite – responde ela, me dando um empurrãozinho. – Agora vá para a sua própria cama.

Antes de sair da cama, escondo a bola de borracha debaixo do seu travesseiro como um presentinho secreto.



Na manhã seguinte, já é sábado e nossos pais ainda estão dormindo. Lucas e Violeta estão brincando com a bola de borracha encontrada debaixo do travesseiro.

Eles riem quando a bola bate no teto e voa entre as paredes, batendo em suas cabeças.



– Vamos lançar a bola nos degraus! – sugere Lucas. Na escada, riem ainda mais.



Caramba, como eu queria poder brincar também.

De repente, ficaram calados. Corri ao segundo andar para ver o que houve.

A bola de borracha... quicou para dentro da privada.

Lucas e Violeta estão parados diante da privada olhando para a bola boiando.



– O que vamos fazer? – guincha Violeta.

– Vamos levar bronca? – pergunta Lucas.

– Vamos ter que tirar daí – diz Violeta.

– Como? – questiona Lucas.

Então, os dois se viram e me veem logo ali, atrás deles, olhando. Sorrindo.



– A Espoleta vai pegar pra gente, não é, Espoleta? – diz Violeta, fazendo que sim com a cabeça.

Bem depressa, enrolo a manga da minha camisola e desço o braço para dentro da privada.



Lucas e Violeta se encolhem e cobrem os olhos e fazem sons de nojo.

– Aqui está! – exclamo, segurando a bola no alto, meu braço gotejando água de privada.



Violeta aperta praticamente a garrafa inteira de sabão líquido no meu braço e me ajuda a lavar as mãos e a bola.

– Obrigada, Espoleta – diz ela. – Você salvou a bola de borracha!

Estou tão feliz. Estou radiante! Todos concordamos que não precisamos contar nada a mamãe e papai.

O dia inteiro, só consigo pensar na bola de borracha. Sempre que penso, me sinto muito orgulhosa.

– Lembra quando salvei a bola de borracha? – pergunto a Violeta.

– Hu-hum – diz ela.



Depois do jantar, Lucas diz:

– Espoleta, feche os olhos e abra a mão.

Quis a vida toda que alguém dissesse isso para mim.



Antes mesmo de abrir os olhos, sei exatamente o que é: é a bola de borracha colorida.

– Você pode *pegar emprestado*, Espoleta – diz Violeta. – Não é pra ficar com ela!

– Sério? – pergunto. – *Sério?*

– Já que você a salvou – explica ela.

Abraço Lucas e Violeta.

– Vamos brincar! – chama Lucas.

– Sim! – diz Violeta. – Jogue a bola!

Tento pensar na melhor jogada possível. Seguro a bola de borracha bem firme, fecho os olhos e me concentro.

Todas estas imagens correm pelo meu pensamento de uma vez só.


Ufff!

– Certo, já sei! A bola na verdade é goma de veneno e, se bater no teto, ela explode e dela escorre lava quente, e todos nós derretemos. Então, nos tornamos gente das cavernas, e dona Finória Merlo mora na caverna vizinha, e...

– Não! Nada de dona Finória Merlo *outra vez*! – alerta Violeta.

– Tudo bem – digo –, mas todo o resto pode?

Eles concordam.

– Sim, todo o resto pode – dizem.

Meu irmão, minha irmã e eu jogamos a bola de borracha. Corro como uma doida, batendo contra as paredes e gritando quando me acerta a cabeça. Quando a bola bate no teto, nós explodimos! Estou correndo para cima e para baixo e fazendo sons altos que imitam coisas quebrando, o tipo de som que a Terra faz quando explode.



Salto para perto do Lucas a fim de me proteger da lava quente. A lava está se derramando pelo chão! Está borbulhando por todos os lados! Nós saltamos para o sofá e deslocamos as almofadas para criar uma caverna secreta.

Agora nós somos gente das cavernas!



Violeta é a mamãe das cavernas, é claro, e Lucas é o papai caçador das cavernas, e adivinhe quem é a bebê das cavernas? EU! Sou a bebê das cavernas *mais fofa de todos*.





FIM



Título original
DORY FANTASMAGORY
Copyrigh © 2014 *by* Abby Hanlon

Todos os direitos reservados.
Edição brasileira publicada mediante acordo com Dial Books for Young Readers, uma divisão da Penguin Young Readers Group, um selo da Penguin Group (USA), LLC, uma Penguin Random House Company.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Produção de arquivo ePub
MARIANA CALIL

Revisão de arquivo ePub
ANA CHRYSOSTOMO

Edição digital: abril, 2019.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H218d
Hanlon, Abby
Dora fantasmagórica [recurso eletrônico] / [texto e ilustração] Abby Hanlon; tradução Milena Vargas. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2019.
recurso digital (Dora fantasmagórica; 1)

Tradução de: Dory fantasmagory
ISBN 978-85-7980-406-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Vargas, Milena. II. Título. III. Série.

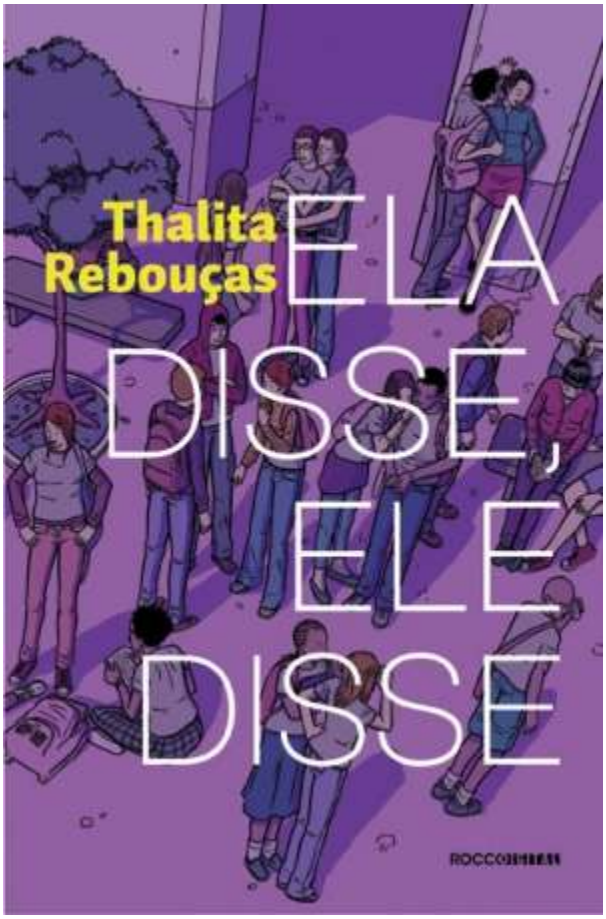
17-46923

CDD: 028.5
CDU: 087.5

A Autora

Abby Hanlon foi professora do primeiro ano do ensino fundamental numa escola pública de Nova York. Inspirada pelos desenhos e pelas histórias contadas pelos alunos, ela começou a escrever as próprias histórias para crianças. Abby mora no Brooklyn, Nova York, com o marido e dois filhos.

www.abbyhanlon.com


Thalita Rebouças
ELA DISSE, ELE DISSE

Ela disse, Ele disse

Rebouças, Thalita
9788564126695
192 páginas

Compre agora e leia

Coleção Rosa-Choque. Diversão e confusões no cotidiano das meninas.Primeiro dia numa escola nova é sempre complicado: a gente se sente um peixe fora d'água. Enquanto todos os outros alunos são (ou ao menos parecem ser) melhores amigos de infância, os novatos ficam pelos cantos, sem jeito, pensando em qual seria a melhor tática de aproximação.Alternando as vozes de Rosa e Leo, ambos adolescentes de 14 anos novos no mesmo colégio, Ela disse, ele disse é um divertido romance que mostra como meninos e meninas podem sentir as mesmas coisas, mas pensar e agir de modo muito diferente.Mas apesar de todas as diferenças, os olhares desses dois filhos únicos de pais separados insistem em se cruzar desde o primeiro dia de aula na escola Dinâmica. Ele foi logo puxando conversa com ela, deslocada no canto da sala. "Ai, que fofo"!, pensa Rosa, já certa de que Leo, além de muito educado, estava superinteressado nela; mas tão rápido e descolado quanto demonstra ser para se aproximar, não pensa duas vezes antes de dar as costas à garota e se juntar à ala masculina da turma para integrar o time de futebol na hora do recreio. "Garotos... humpf"!.Para Leo, no entanto, tudo é muito simples: "Tinha uma carteira vazia perto da janela e fui direto para

lá. Para evitar ficar calado e com cara de desentrosado, puxei logo papo com uma menina que parecia estar sozinha". E quanto ao convite para o futebol, bem, existe outra resposta possível para um garoto neste caso a não ser um objetivo e certeiro "Tô dentro"? "No vestiário, depois da pelada, eu já me sentia parte do grupo", revela.Abordando temas como amizade, bullying, respeito às regras e a relação entre pais e filhos, a narrativa se desenrola revelando, com ritmo e bom humor, os sonhos e angústias de meninos e meninas diante de cada situação, com direito a passagens hilárias causadas pela difícil comunicação entre os sexos.

Compre agora e leia


NEIL
GAIMAN
O Livro do
Cemitério
Ilustrações de DAVE MCKEAN
ROCCO
JOVENS LEITORES

O livro do cemitério

Gaiman, Neil
9788579804182
336 páginas

Compre agora e leia

Coleção PhobosGanhador da medalha Newbery (2009), do Prêmio Hugo de Melhor Romance (2009), do Locus Award de Melhor Romance Juvenil (2009) e da Medalha Carnegie (2010).Enquanto seus pais e irmã são impiedosamente assassinados por um misterioso homem chamado Jack, um bebê consegue escapar de seu berço e se aventurar pelo mundo. Uma série de coincidências, aliada a uma grande dose de sorte, salva o pequeno de ter um destino tão trágico quanto o de sua família.Com um começo sombrio e violento, diferente do seu habitual, o escritor inglês provoca arrepios no leitor. A história do bebê sortudo e fujão começa quando ele chega à rua e sobe a colina em direção ao velho cemitério. Ele é perseguido pelo assassino de seus familiares. Já dentro do cemitério o neném conhece os habitantes do local. Fantasmas de outras épocas que vivem em suas covas e mausoléus e que por circunstâncias do destino são forçados a adotar e batizar o bebê, agora chamado de Ninguém Owens, o Nin, para salvá-lo do seu perseguidor.Ninguém passa a viver no cemitério da colina, adotado por um simpático casal de fantasmas e amado pelos outros moradores do lugar. Um misterioso morador, Silas, assume a responsabilidade de ser o guardião do garoto.

Único vivo que mora no cemitério, apesar dos seus hábitos nortunos e habilidades fantásticas, ele é o responsável por trazer comida, livros e tudo que o garoto precisa do mundo terreno dito "normal".Com ternura e talento, Gaiman narra as aventuras de Ninguém pelos caminhos do cemitério, desde um pequeno bebê até um jovem adolescente. Mas mesmo depois de todo este tempo a sombra do seu perseguidor ainda paira sobre o jovem. E o destino caminha para um embate final entre os dois, quando Ninguém descobre muito mais do que esperava sobre o mundo e as pessoas.

Compre agora e leia

clarice lispector

o mistério do coelho pensante

e outros contos



O mistério do coelho pensante e outros contos

Lispector, Clarice
9788581226071
80 páginas

Compre agora e leia

O que têm em comum um coelho, uma galinha, um cachorro e dois peixinhos vermelhos? Protagonistas dos livros infantis de Clarice Lispector, o coelho Joãozinho, a galinha Laura, o cão Ulisses e os "vermelhinhos", como eram conhecidos os peixes, estão agora reunidos no lançamento O mistério do coelho pensante e outros contos, que traz as quatro histórias escritas por Clarice especialmente para as crianças num único volume, delicadamente ilustrado pela artista plástica Flor Opazo.Reconhecida pela crítica literária brasileira e estrangeira como uma das maiores escritoras do século XX, Clarice Lispector deixou também um importante legado para a literatura infantil com a publicação de A mulher que matou os peixes, A vida íntima de Laura, O mistério do coelho pensante e Quase de verdade, histórias que seguem encantando gerações décadas após a sua publicação.Narradas em tom coloquial e muito próximo do cotidiano infantil, as histórias de Clarice Lispector revelam uma autora que, além de conhecer muito de perto o imaginário dos pequenos, é alguém que sabe conversar com crianças com extrema sensibilidade e perspicácia, tratando os sentimentos com delicadeza e falando direto ao coração.

Compre agora e leia


NEIL GAIMAN
O Mistério da Estrela
Stardust
ROCCO

O mistério da estrela: Stardust

Gaiman, Neil
9788579803932
280 páginas

Compre agora e leia

Tristran ama a jovem mais bela do vilarejo de Muralha. Para ser correspondido, ele atende aos caprichos da moça e lhe faz uma promessa quase impossível de cumprir. Uma estrela cadente que ambos veem cair do céu valerá a mão de Vitória em casamento. A determinação de trazer a estrela para o vilarejo fará com que o rapaz burle todas as regras e siga para a Terra Encantada, onde supostamente a estrela está. Então, Tristran se vê cercado por piratas voadores, gnomos guerreiros, bruxas esquisitas e sedentas por beleza e princesas do mal. Um mundo de magia está diante dele e tem início um conto de fadas surpreendente e nada convencional. Neste lugar, os caminhos podem ser belos e sombrios, tristes e alegres, suspeitos e óbvios, mas sempre cheios de segredos. E todos, não só Tristran, estão em busca daquela que parece guardar a solução para todos os problemas do reino mágico. Acontece que a estrela está triste e sem esperança. O maior desafio do jovem apaixonado, então, será fazer a estrela brilhar novamente. Eis a trama do conto de fadas moderno O mistério da estrela - Stardust, do cultuado escritor e quadrinista inglês Neil Gaiman, autor do premiado juvenil Coraline e do infantil Os lobos dentro das paredes. A publicação recupera o texto em prosa que

deu origem à famosa história em quadrinhos, que chegou às telas do cinema em 2007, com estrelas como Claire Danes, Michelle Pfeiffer, Robert De Niro e Sienna Miller no elenco.

Compre agora e leia


K. L. ARMSTRONG & M. A. MARR
CORVOS DE ODIN
Quando você é herdeiro de Thor, a pressão para salvar o mundo é mais forte que o golpe de um martelo.
ROCCO
CRÔNICAS DE BLACKWELL

Corvos de Odin

Armstrong, K. L.
9788579802706
304 páginas

Compre agora e leia

Coleção Aventuras Extraordinárias Quando Matt e seus amigos, descendentes de Thor e dos demais deuses nórdicos, descobrem que estão destinados a evitar o apocalipse, lutando contra outros deuses, trolls e uma serpente gigante, eles acham que a situação não pode piorar. Corvos de Odin é o segundo volume das Crônicas de Blackwell, de K. L. Armstrong e M. A. Marr, e continua a incrível saga de Matthew Thorsen e os descendentes. Nesta nova aventura, os garotos precisam ir ao inferno, reino de Hela, a deusa nórdica da morte e tia de Laurie e Fenn, para resgatar Baldwin envenenado por Astrid. Esta é primeira parada na jornada para reunir todos os descendentes, encontrar o martelo de Thor e salvar o mundo. Uma viagem repleta de surpresas e desafios onde cada jovem descobre uma nova habilidade que os transformarão em lendas. E além de todos os adversários tem que encarar os segredos da família Thorsen. A viagem se mostra muito mais atribulada e perigosa que eles pensavam. Com a ajuda das Valquírias e dos bodes mágicos de Thor, Matt vai juntando as peças do quebra-cabeça e descobre quem é seu verdadeiro adversário e o destino do martelo Mjolnir.Corvos de Odin é um livro perfeito para os fãs dos mitos e heróis da mitologia nórdica e segue o caminho pavimentado por

Rick Riordan e seu Percy Jackson. K. L. Armstrong e M. A. Marr apresentam uma sequência épica para Lobos de Loki, com ação explosiva, aventura e ainda mais lendas e deuses.

Compre agora e leia